



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

AS REDES SOCIAIS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIA NO JORNALISMO IMPRESSO: UMA ANÁLISE DO CASO REALENGO

SOCIAL NETWORKS AS SOURCES OF INFORMATION ON VIOLENCE IN PRINT JOURNALISM: A CASE ANALYSIS OF REALENGO SHOOTING

FRANCINE LEITE ¹; RENATA REZENDE ²

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa mais ampla sobre os usos das redes sociais como fonte de informação nos jornais impressos. O objetivo é estudar como os perfis dos usuários nas redes sociais são usados como fonte de pesquisa para matérias de violência nos jornais impressos do Espírito Santo. Neste trabalho estudamos as notícias da tragédia na Escola Tasso da Silveira, em Realengo, Rio de Janeiro, veiculadas pelo jornal *A Gazeta*.

Palavras-chave: Jornalismo impresso; fontes de informação; redes sociais; narrativa; Caso Realengo.

Abstract: This paper is the result of a broader research on the uses of social networks as a source of information for print newspapers. The goal is to study how the profiles of users on social networking sites are used as a source of research for news whose motto is violence in the major newspapers of Espírito Santo. This paper studies the news of the tragedy at the school Tasso da Silveira, in Realengo, Rio de Janeiro, carried by the newspaper *A Gazeta*.

Keywords: print journalism; information sources; social networks; narrative; Shooting Realengo.

¹ Aluna do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e pesquisadora/bolsista do Programa de Iniciação Científica da UFES. E-mail: francineleite@gmail.com.

² Orientadora da pesquisa, professora adjunta do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Doutora pelo programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). É coordenadora do projeto de pesquisa “Narrar a si e narrar o outro: a morte, a constituição da memória e os usos narrativos das redes sociais nas mídias tradicionais”, na UFES. E-mail: renatarezender@yahoo.com.br.



Introdução

Não é possível compreender a sociedade hoje sem a presença dos meios de comunicação. Os sistemas de mídia, principalmente, encontram-se cada vez mais interligados por infinitas redes de relação, por *espaços de fluxos*. Segundo Castells, tais espaços integram as modalidades escritas, oral e audiovisual da comunicação humana. “A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação” (CASTELLS, 1999, p.414).

Muniz Sodré (2002) e Manuel Castells (1999) sustentam que a Internet trouxe uma verdadeira virtualização do mundo, em que a realidade é cada vez mais mediada por códigos digitais, assim como no passado a mediação era dada pela hegemonia do alfabeto. Essa realidade foi denominada por Castells como *virtualidade real*, quando o sentido do real é apreendido pelo virtual. Sodré, em *A Antropológica do Espelho*, sustenta que a sociedade contemporânea pós-industrial vive sob o estigma da midiaticização, ou seja, tendendo à virtualização (no sentido de “tornar virtual”) das relações interpessoais. Visto que a midiaticização implica uma nova forma de vida e uma nova forma de o sujeito se expressar no mundo, Sodré defende a classificação de um novo *bios*³ de acordo com a classificação aristotélica: o *bios virtual*.

Partindo-se da classificação aristotélica, a midiaticização ser pensada como tecnologia de sociabilidade ou um novo *bios*, uma espécie de *quarto âmbito* existencial, onde predomina (muito pouco aristotelicamente) a esfera dos negócios, como uma qualificação cultural própria (a “tecnicultura”). O que já se fazia presente, por meio da mídia tradicional e do mercado, no *ethos* abrangente do consumo, consolida-se hoje com novas propriedades por meio da técnica digital (SODRÉ, 2002, p. 25).

³ Aristóteles distinguiu três gêneros de existência (*bios*) na Pólis: *bios theoretikos* (vida contemplativa), *bios politikos* (vida política) e *bios apolaustikos* (vida prazerosa, vida do corpo). (SODRÉ apud ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, livro I, parte 5. 1) *Ética Nicomaquea y Ética Eudemia*. Biblioteca Clássica Gredos, 1988; 2) *Nicomachean Ethics*. The University of Chicago.



O quarto *bios* pode ser afirmado pela hipótese acadêmica norte-americana da *agenda setting*, na qual a mídia é que norteia o mundo real, estruturando percepções e cognições como uma espécie de agenda coletiva. Felipe Pena (2005) define a teoria do agendamento como a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam as conversas e pautam os relacionamentos.

Afastando-se um pouco da versão politizada do *bios midiático* - a qual sustenta que os Estados Unidos, através da mídia, têm a capacidade de formar a agenda política e noticiosa internacional – esse *quarto bios* ainda sustenta a possibilidade de que a Internet, enquanto palco no qual efervem ideias, novidades e opiniões, também pautam a mídia tradicional e as relações pessoais. Seria uma espécie de agendamento interno ou agendamento reverso, quando o que acontece na internet vai para a mídia tradicional e, posteriormente, para as conversas nas ruas. Ou ainda o que é conversado na rua vai para a internet e vira notícia.

Nesse contexto, no qual a internet se tornou uma espécie de biblioteca, onde se pode consultar, buscar dados, formular pesquisas, etc, as redes sociais vêm ocupando um espaço de destaque como fonte de informações, principalmente para os jornalistas, que procuram saber mais sobre os “personagens” a serem citados em matérias e reportagens, principalmente quando tais sujeitos estão envolvidos em temas relacionados à violência e à criminalidade.

Os rastros deixados pela interação

Por se tratarem de uma plataforma composta por pessoas e/ou organizações, as redes sociais da internet conectam vários usuários, possibilitando uma estrutura social que partilha valores e objetivos, segundo a operacionalidade específica. Popularizadas há mais de cinco anos, as redes sociais já fazem parte do “mundo tecnológico”. Uma rede é uma metáfora para

observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas pelos diversos atores (RECUERO, 2009).

Das mudanças advindas do surgimento da Internet, uma das mais significativas é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). O especialista em internet Clay Shirky sustenta em *A Cultura da Participação* (2011) que a Internet mudou drasticamente a forma de obter informação e de gerenciar o tempo livre. As pessoas passam de meros consumidores passivos de produtos fornecidos por uma minoria para produtores de conteúdos que outros, igualmente criadores, consomem.

Segundo Shirky, a internet não forma um mundo à parte meramente virtual, mas complementa o mundo real, faz parte dele. “Nossas ferramentas de mídia social não são uma alternativa para a vida real, são parte dela. E, sobretudo, tornam-se cada vez mais os instrumentos coordenadores de eventos no mundo físico” (SHIRKY, 2011, p. 37). As pessoas não se satisfazem em apenas consumir. Nem mesmo virtualmente. Enquanto atores sociais, criam laços, participam, aumentam perspectivas. “Participar é agir como se sua presença importasse, como se, quando você vê ou ouve algo, sua resposta fizesse parte do evento” (SHIRKY, 2011, p. 25).

Para Raquel Recuero (2009), essas ferramentas proporcionaram aos usuários a possibilidade de se construir, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas próprias redes (seus perfis e/ou comunidades) através desses rastros, que podem ser uma série de informações, textos, músicas, vídeos, fotografias, entre outros.

Ao criar um perfil em uma rede social cria-se também uma “imagem de si mesmo”, uma narrativa identitária, uma espécie de autobiografia, um *self digital*. Essa composição

autonarrativa está sujeita a variadas interpretações, frutos da interação característica de tais redes, que irão formar outras narrativas a partir do outro. É nessa perspectiva que verificamos como o jornalismo impresso têm utilizado as redes sociais como fonte de informação na apuração e desenvolvimento de matérias e reportagens, principalmente quando a temática é a violência cotidiana, muito explorada no jornalismo diário. Percebemos que muitas matérias trazem informações retiradas das redes sociais digitais, além de utilizarem, ainda, outros materiais disponibilizados naquele espaço, como fotografias e vídeos.

Na ânsia de pertencerem ao mundo digital, além de serem vistas e notadas, cada vez mais pessoas utilizam redes como *Orkut*⁴, *Facebook*⁵ e *Twitter*⁶. Metaforicamente, forma-se uma reunião, na qual se procura saber o legado do outro, o que ele tem pra contar, ao mesmo tempo em que se apresenta a ele. Nesse sentido, o “eu” narrado é criado pelo sujeito, que “se constrói” em seu perfil digital, posta fotos, expõe seus gostos por meio de comunidades e outros itens, segundo sua afinidade ou seu desejo. O perfil está ali para ser lido e o é. A leitura absorve informações que são filtradas e passadas aos demais.

As redes sociais criam, desta forma, um acervo de informações, declarações, imagens, vídeos e textos que pode ser acessado a qualquer momento. Elas permitem, ainda, a efetivação da memória de seus usuários. Forma-se uma espécie de dossiê pessoal, ao qual qualquer pessoa pode ter acesso, tecendo interpretações, frutos da interação característica de tais redes.

Diante dessa realidade, na qual as pessoas se mostram espontaneamente, os jornais vêm incorporando informações das redes sociais no fazer das notícias. Com tanta informação

⁴ O *Orkut* é uma rede social que reúne perfis e comunidades virtuais. Criada em janeiro de 2004, os perfis são criados pelas pessoas ao se cadastrarem e indicam também quem são seus amigos. Disponível em: www.orkut.com. Acesso em: 14 de julho de 2011.

⁵ O *Facebook* também se trata de uma rede social e funciona através de perfis, grupos e comunidades. Em cada perfil é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc). Disponível em: www.facebook.com. Acesso em 14 de julho de 2011.

⁶ O *Twitter* é um site em que são escritos pequenos textos de até 140 caracteres. É estruturado com seguidores e pessoas a seguir. Disponível em: www.twitter.com. Acesso em: 14 de julho de 2011.



acessível – (na medida em que o computador está ligado e conectado à Internet) – o jornalista encontra nas redes sociais um grande banco de dados. Particularmente em notícias de mote violento, as redes sociais ajudam a traçar um perfil da vítima e/ou do acusado, além de fornecer uma série de imagens, entre fotografias e vídeos.

A utilização cada vez mais explícita⁷ das redes sociais como fonte de informações em matérias e reportagens jornalísticas vem transformando o atual modo de fazer jornalismo. Para Felipe Pena (2005), a fonte de qualquer tipo de informação é subjetiva e sua visão sobre determinado assunto depende de fatores culturais e de interesses pessoais. Essa prerrogativa faz do jornalista um profissional cético, mas a rotina das redações e a sua experiência possibilita que ele identifique as “intenções” da fonte e saiba como agir diante delas. É uma ação perceptiva que pode ser considerada a parte mais importante na formação da notícia. Daí se explica a existência de assessorias de imprensa e manuais de jornais, nos quais também estão inseridos procedimentos relacionados a fontes de informação.

Na gama de fontes oficiais, testemunhais, oculares etc., a Internet é capaz de gerar uma infinidade de *links* sobre determinado assunto. No entanto, arrisca ainda mais a credibilidade de uma notícia ao passo que possibilita uma diversidade de fontes que pode tornar uma matéria pouco confiável. “No ciberespaço, a relação com as fontes complica-se muito, pois elas também podem ser produtoras diretas de conteúdo, sendo, portanto, informantes com potencial incalculavelmente multiplicado” (PENA, 2005, p. 62).

A Internet pode ser usada sem que o leitor perceba. Na divulgação de dados, pesquisas, números, enfim, detalhes que são importantes para a notícia, mas que podem ser confiados à Internet. Na maioria das vezes, esses dados são checados com um profissional da área (caso não sejam, deveriam ser). Na preparação para uma entrevista, por exemplo, o repórter

⁷ Levamos em conta, em nossa pesquisa, apenas quando o uso das redes sociais é citado como fonte de informação nos jornais impressos, na medida em que não podemos precisar seu uso pelos jornalistas no momento da apuração dessas informações que, acreditamos, deve ser muito maior.

estuda a vida do entrevistado e o assunto a ser tratado na Internet e formula suas perguntas a partir dessa pesquisa. Hoje, o que se tem percebido é uma utilização mais explícita das ferramentas do ciberespaço para a construção de reportagens.

A notícia é considerada a apuração de um fato e, geralmente, deve responder as seis perguntas básicas para o entendimento desse fato - O que aconteceu? Quando? Como? Quem estava envolvido? Onde ocorreu? Por que ocorreu? – Tais informações geralmente vêm no primeiro parágrafo (*lead*) e são seguidas por outros dados menos relevantes. Para Felipe Pena (2005), a notícia apura os fatos. A reportagem, por sua vez, lida com assuntos relacionados a esse fato, seus desdobramentos, sua abrangência, segundo o autor. A reportagem é maior, mais interpretativa e seduz o leitor com criatividade e informações novas e adicionais. Ela trabalha com uma pauta mais complexa, pois aponta para causas, contextos, consequências e novas fontes.

É nessa utilização, de novas fontes na reportagem, que as redes sociais digitais são usadas de forma explícita, principalmente em reportagens de crimes de grande comoção regional, nacional e/ou internacional. Os jornalistas têm acessado, na maior parte das vezes, as redes sociais das vítimas de crimes, principalmente dos mortos, e dos envolvidos (criminosos), para traçar os perfis desses sujeitos e, assim, “saciar” a curiosidade do leitor que está em busca dos traços de personalidade, dos assuntos pessoais, além das imagens dos rostos estampados em notícias violentas.

A #TragédianoRio

Um exemplo atual da utilização dessas fontes de informações são as reportagens que se sucederam após o crime ocorrido na Escola Tasso da Silveira, em Realengo, no Estado do Rio de Janeiro, no dia 07 (sete) de abril de 2011 quando o ex-aluno da escola, Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, entrou no colégio armado com dois revólveres, matando 12



adolescentes e ferindo outros 12. Interceptado por policiais ainda dentro da escola, Wellington se matou, em seguida.

A notícia se espalhou rapidamente por meio dos diversos veículos de comunicação e foi considerada uma tragédia de comoção nacional. As reportagens ocuparam espaços consideráveis nos principais jornais do país, com interpretações do fato, motivos que levaram o jovem a cometer o massacre, histórias das vítimas, casos comparativos, etc. O assunto também foi, naturalmente, um dos mais comentados do Brasil nas redes sociais (hipótese confirmada na análise a seguir).

Tal repercussão também se deu em *A Gazeta*⁸, tradicional jornal do Estado do Espírito Santo. Este caso é aqui utilizado para exemplificar a proposta da pesquisa principal, mais ampliada. Nessa análise, detalhamos os usos das redes sociais como fonte de informação para as matérias referentes à tragédia de Realengo. Analisamos as matérias veiculadas no jornal *A Gazeta* na semana seguinte ao fato, que compreendeu entre os dias 08⁹ (oito) a 15 (quinze) de abril de 2011. Durante o período, verificamos se o assunto foi citado em cada edição, se apareceu na capa, em qual editoria, qual o espaço reservado às matérias, às notas e as fontes de informação utilizadas.

Nesses oito dias, verificamos que o caso foi lembrado 40 vezes, entre reportagens, notas, artigos, cartas, entre outros informes. Apareceu na capa do jornal em seis dias, o que equivaleu a 75% desse espaço destinado ao assunto em questão. Nos dois primeiros dias, as reportagens relacionadas ao “massacre” foram manchete principal da capa de *A Gazeta*. Somente nos dois últimos dias de análise que o jornal não anunciou na capa matérias do caso

⁸ Escolhemos *A Gazeta* para iniciar nossa pesquisa, por se tratar do jornal mais antigo do estado do Espírito Santo em circulação até hoje. Fundado em 1928, permaneceu no formato *standart* até julho de 2011. Em 17 de julho inaugurou sua versão *tablóide*. Vale ressaltar, no entanto, que nossa pesquisa ampliada contempla a análise em outro jornal, *A Tribuna*, mais popular.

⁹ Por se tratar de um jornal impresso, a análise aconteceu a partir do dia seguinte ao fato, portanto, a partir do dia 8 de abril de 2011.

Realengo, mas, ainda assim, havia matérias relacionadas em seu interior. Ou seja, em todos os exemplares da semana seguinte ao fato o jornal *A Gazeta* veiculou desdobramentos da notícia.

Diversas fontes de informação foram utilizadas para a elaboração das matérias. Devido a não divulgação de nomes, a repetição, a utilização como fonte de pessoas pertencentes a grupos, vizinhos e familiares, a contagem das demais fontes não é totalmente precisa, mas podemos tecer algumas considerações. No dia 08 (oito) de abril, por exemplo, dia seguinte à tragédia, cerca de 25 fontes foram consultadas para a reportagem de capa. Dentre elas, quatro foram ferramentas e sites das redes sociais na Internet, o equivalente a aproximadamente 16% do uso total.

Nesta reportagem, elas aparecem em um *box*¹⁰ preto que transpassa a base inferior de duas, das três páginas dedicadas ao tema. Há a denúncia de que, sete dias antes do ocorrido, um perfil anônimo no *Orkut* postou uma mensagem que falava de uma chacina em um colégio do Rio de Janeiro. Curiosamente, o texto também foi publicado por um perfil falso do deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ). Outras redes sociais também aparecem. O jornal comentou, por exemplo, a *hashtag* *#TragédianoRio* e indica uma espécie de relatório das buscas e dos assuntos mais comentados do *Twitter*. A campanha pela doação de sangue foi um dos itens mais comentados no *Twitter* e no *Facebook*. O microblog¹¹ tem um espaço fixo na editoria *Pra Começo de Conversa*, que abre o jornal *A Gazeta*. O *Tuitadas* seleciona todos os dias 10 tuítes¹² para serem publicados nessa seção no exemplar seguinte. O caso Realengo foi tema de alguns tuítes publicados neste dia (sexta-feira, dia 8/04/2011) e no dia seguinte (sábado, dia 9/04/2011).

¹⁰ O *Box* é caracterizado como um texto curto que aparece cercado por fios, em associação com outro texto, mais longo. Pode ser texto de serviço, biografia, reprodução integral de um documento, diálogo, pequena entrevista pingue-pongue, comentário, aspecto pitoresco da notícia etc. Ver mais in: Manual da Redação da Folha de São Paulo. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm Acesso: 23 de julho de 2011.

¹¹ O *Twitter* é considerado um microblog porque permite que sejam escritos pequenos textos de até 140 caracteres a partir da pergunta “O que você está fazendo?”. Ver mais in: RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

¹² Tuíte (*tweet*, em inglês) é um texto de até 140 caracteres que responde à pergunta “O que você está fazendo?” no microblog *Twitter*.

Em quase todos os exemplares do jornal nessa semana, o assunto apareceu na forma de matéria, mas também em notas de colunas, cartas do leitor, artigos de opinião, editoriais e outras citações menores. A coluna de Anselmo Gois para o jornal *O Globo*, que é veiculada também em *A Gazeta*, mencionou o caso em notas nos sete dias do período monitorado. Na quarta-feira, 13 de abril de 2011, Anselmo Gois reporta a criação de comunidades no *Orkut* que reverenciam o assassino. É a única vez, nesse período, que o colunista cita um site de rede social em suas notas relacionadas ao assunto.

Em nossa pesquisa, a rede social *Orkut* foi a mais citada nos exemplares analisados, nas sete vezes em que redes sociais foram usadas/citadas como fonte de informação, o *Orkut* apareceu em cinco, o equivalente a mais de 71%, em comparação com as demais redes sociais. Lançado em 2004 e bastante popularizado no Brasil, mais de 75% do número total de usuários dessa rede já foram identificados como brasileiros (RECUERO, 2009), o que explica, talvez, seu maior uso como fonte de informações pelos jornalistas. Apesar do crescimento do *Facebook*, o *Orkut* ainda possui alto nível de popularidade no Brasil, por ser mais antigo e os usuários já estarem adaptados as suas ferramentas e aplicativos. O *Orkut* ainda é o precursor das redes sociais utilizadas como fonte de informação para traçar o perfil de personagens de notícias.

A edição de sábado (09 de abril de 2011), dois dias após a tragédia de Realengo, já estampava na quinta página um *box* de aproximadamente 10cm X 9cm com a chamada “**Página no Orkut ajuda a traçar perfil de Wellington**”. Nesse espaço, formado também pela foto atribuída a Wellington na rede social, são narradas, item por item, as características do perfil *online* do rapaz. Comenta-se sobre as fotos, sobre a única comunidade agregada ao perfil e da ausência de amigos. O jornal explicita que a página não tem a autenticidade confirmada pelo



*Google*¹³, mas afirma que “**pode dar indícios da personalidade atribulada do homem que matou 12 crianças**”.

Considerações Finais

A *Gazeta* é o jornal mais antigo em circulação no Estado do Espírito Santo. Sempre foi reconhecido como o jornal mais extenso, com textos mais longos, análises mais profundas, menos imagens e mais opinião. Tradicional, reluta em modificar sua linha editorial. Para tanto, a rede *Gazeta* (dona do jornal impresso e de outras mídias, como a televisão e a rádio) lança mão do jornal *Notícia Agora*. Este, mais compacto e mais barato, traz notícias menores e mais imagens (realistas). Além disso, dá preferência a assuntos populares como violência, esportes e celebridades. Ainda assim, a presente análise demonstra que o tradicional jornal *A Gazeta* utiliza recorrentemente ferramentas da internet, redes sociais em especial, para compor seu noticiário diário.

Mesmo acompanhando o desenvolvimento tecnológico e midiático, essa utilização pode ser perigosa, acreditamos, pois, as informações podem ser falsas, aumentadas e até mesmo inventadas pelos usuários das contas. Os denominados “perfis fakes” são utilizados desde propósitos ingênuos como navegar sem ser reconhecido, até objetivos maiores, como não ser visto numa atividade e/ou interação ilícita.

Em sistemas como o Orkut, os usuários são identificados pelos seus perfis. Como apenas é possível utilizar o sistema com um login e senha que automaticamente vinculam um ator a seu perfil, toda e qualquer interação é sempre vinculada a alguém. Para tentar fugir desta identificação, muitos usuários optam por criar perfis falsos e utilizá-los para as interações nas quais não desejam ser reconhecidos pelos demais (RECUERO, 2009, p.28).

¹³ Criado em 1996 por universitários, o mecanismo de pesquisa usava links para determinar a importância de páginas da web. Em 1998, o trabalho formalizado recebeu o nome de *Google*. Hoje a empresa norte-americana possui mais de 150 domínios, dentre eles o *Orkut*. Ver mais in: <http://www.google.com.br/intl/pt-BR/about.html> Acesso: 23 de julho de 2011.



Além disso, Recuero (2009) ainda considera que perfis em redes sociais não são espelhos definitivos, mas pistas de um “eu” que pode ser percebido pelos demais. São construções plurais de um sujeito, representando múltiplas facetas de sua identidade. Nesse mesmo sentido, o usuário pode se “autocreditar” uma característica que não corresponde à realidade. Cabe a quem interage não acreditar de imediato em tudo que vê. No contexto jornalístico isso deve ser ainda mais acentuado, na medida em que a narrativa está ancorada no conceito de credibilidade.

Um ofício cujo um dos pilares é a credibilidade, na sua relação com fontes de informação, encontra-se numa situação paradoxal ao recorrer às redes sociais. Como afirma Recuero (2009), os perfis online podem conter informações que não procedem na “vida real”. Após a morte do usuário, essa probabilidade pode aumentar, na medida em que outras pessoas podem ter acesso ao perfil do participante morto e acrescentar informações, já que muitos perfis não possuem aplicativos de privacidade e estão abertos para que os demais usuários verifiquem informações, copiem imagens ou ainda deixem recados e depoimentos sobre o morto, modificando a narrativa inicial criada pelo usuário em questão. Além do mais, como verificamos no caso analisado, esses perfis estão servindo como fontes de informações para jornalistas que, inclusive, passaram a citar as redes sociais na construção das notícias.

Pena (2005) defende que o ceticismo está para o jornalista assim como a credibilidade está para o jornalismo. Segundo ele, para um jornalista, desconfiança não é pecado, mas norma de sobrevivência. Diante de tantos crimes no cotidiano que geram no leitor um desejo de saber cada vez mais detalhes e torná-los, em certa medida “reais”, o jornalismo parece viver o paradoxo de construir tal realidade ancorada em dispositivos em que a ficção pode estar cada vez mais presente.



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

Referências

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura.** Volume 1. São Paulo: Paz & Terra, 1999.
- CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede.** Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear em rede.** Petrópolis: Vozes, 2002.